

Madame Beauvoir: estudos e leituras no Brasil (1960-1990)

Joana Vieira Borges¹²

Joana Maria Pedro

UFSC

Uma reportagem da revista VEJA de 25 de junho de 1975, intitulada As feministas e as mulheres (título bastante sugestivo ao separar as feministas das mulheres), trata das expectativas quanto ao Ano Internacional da Mulher que viria a ser realizado no México na semana seguinte. Apesar desta reportagem mostrar a forte atuação dos movimentos feministas em diversos lugares neste momento, como é o caso da Inglaterra, Itália e França, acaba por desvalorizar o evento julgando-o, de certa forma, desnecessário. A revista, baseada em alguns relatos, afirma que até mesmo as mulheres estavam indiferentes ao evento voltado para elas.

*“Ano Internacional da Mulher? O que é isso? Será um super dia das mães?”, indagava uma ativista americana ouvida em Nova York por Hugo Estenssoro, de VEJA. ‘Qual será o próximo ano? O ano internacional do queijo camembert?’, pergunta um panfleto das Petroleuses, um dos grupos feministas mais ativos da França”.*³

É bem provável que houvesse, por parte de algumas mulheres, uma certa resistência a este evento pelo fato de estar se dedicando um momento definido para problematizar questões tão importantes à condição das mulheres na sociedade. Entretanto, o evento patrocinado pela ONU foi válido no sentido de estar trazendo à tona questões que estavam sendo calorosamente debatidas e evidenciadas no mundo todo; questões relativas às mulheres e seus direitos. A prova disto é a quantidade de reportagens veiculadas nas revistas VEJA do período de 1975 a 1979 que discutiam de alguma forma o feminismo.

Contudo, uma das coisas interessantes que se pode notar ao ler a reportagem citada anteriormente é o tratamento que se dá a uma das mais ilustres feministas do século XX: “Madame Beauvoir”.

*“No ano passado, em número especial de 400 páginas dedicadas às mulheres, Les Temps Modernes, revista dirigida por madame Beauvoir, dizia: ‘As teorias marxistas sacrificaram as mulheres no altar da revolução’”.*⁴

Ao tratar Simone de Beauvoir por “Madame” a revista a diferencia de todas as

outras feministas citadas não só nesta reportagem como em outras neste mesmo período. A exemplo disto, a mesma reportagem reporta-se à “belicosa Juliet Mitchell” e à “lendária Betty Friedan”. Aliás, Betty Friedan foi sempre tratada de maneira bastante burlesca por alguns veículos da imprensa na década de 70, como no caso o jornal Pasquim que “reunia diversos humoristas/intelectuais da esquerda: Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar e Paulo Francis”⁵. Em sua visita ao Brasil em 1971, para a publicação de seu famoso livro A Mística Feminina⁶, a “feia, velha, mal amada e lésbica”⁷, como era acusada na imprensa, causou intensas polêmicas nos meios de comunicação. Neste momento Millôr Fernandes tinha uma coluna na revista Veja, e em várias delas ridicularizou Betty Friedan e o Women’s Lib, movimento do qual era fundadora. Mas por que esta diferença no tratamento entre estas duas feministas tão expressivas para a formação do movimento feminista da década de 70?

Ao ler o artigo de Syvie Chaperon, Auê sobre O Segundo Sexo⁸, publicado em uma edição comemorativa aos cinqüenta anos da obra que fez de Simone de Beauvoir uma feminista reconhecida mundialmente, é possível perceber que “Madame Beauvoir” foi tratada também como “Madame” em seu país de origem.

*“Os cronistas jogam com os diferentes sentidos da palavra ‘sexo’: Armand Hoog intitula seu artigo ‘Madame de Beauvoir e seu sexo’; Yves Florenne em Le Monde acentua a alusão: ‘o tema atual de que constantemente se ocupa Les Temps Modernes é o que há de mais ardente: o sexo de Mme de Beauvoir’”.*⁹

Na França, Simone de Beauvoir recebeu críticas cruéis tanto da direita conservadora quanto da esquerda comunista. Sua obra, O Segundo Sexo¹⁰, traduzida para mais de 30 idiomas e publicada em diversos países, foi considerada por muitos um atentado à família, ao amor, e à classe operária¹¹. Ainda sobre a repercussão da obra de Simone de Beauvoir na França, Heleieth Saffiot comenta:

*“Em uma França humilhada, recém-saída da ocupação alemã e apresentando as seqüelas de uma terrível guerra, não era certamente fácil empreender a tarefa de pesquisar a mulher e sobre ela escrever”.*¹²

Apesar das críticas partirem dos meios intelectuais e políticos, a ironia era o recurso utilizado para atacar Simone de Beauvoir, e não as teses do livro. Entretanto, o mais interessante a notar talvez seja o fato de que tanto os opositores quanto os defensores receavam atribuir-lhe ao nome a palavra “feminista” e, conseqüentemente, todo “o peso” que esta poderia lhe implicar. Entretanto, para Sylvie Chaperon essa atitude bastava para

condená-la.

“Na maioria dos casos, ignoram essa referência embaraçosa, para insistir nas competências de Beauvoir. Chama-na de ‘a filósofa’, demonstrando que ela domina os saberes mais atualizados e completos sobre a questão (...). Apresentam-na assim como uma especialista. Maurice Nadeau, indo mais longe, dissocia Beauvoir do feminismo, pois ‘ela abre horizontes mais amplos que as habituais reivindicações feministas palavrosas e ineficazes’.”¹³

Qual seria a razão para tanta precaução, tanto na França como no Brasil, ao falar de Madame Beauvoir? Quem foi Madame Beauvoir?

“Madame Beauvoir” nasceu em Paris a 9 de janeiro de 1908, e com 17 anos ingressou no curso de Filosofia da Sorbonne, onde veio a conhecer Jean-Paul Sartre em 1929. Simone de Beauvoir e Sartre estabeleceram desde o início de sua relação uma condição de “casamento aberto” que suscitou, e ainda suscita, intenso debate e críticas. Polêmicas sobre a relação de Simone e Sartre à parte, e que demandariam um outro trabalho que foge neste momento aos objetivos deste, o certo é que sua celebridade vem acima de tudo desta relação com o grande intelectual existencialista, sendo muitas vezes reduzida, injustamente ao meu ver, como sua fiel discípula¹⁴. O existencialismo foi fundamental na análise de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina. Passadas as duas grandes guerras mundiais a Europa encontrava-se em crise, e desta forma o existencialismo surgiu dando sentido ao que estava acontecendo, partindo do pressuposto de que a existência precede a essência. Ou seja, Sartre e os outros intelectuais existencialistas negavam o determinismo do essencialismo humano¹⁵. Neste sentido ele teorizou o que Simone de Beauvoir viria a perceber na prática em O Segundo Sexo. Uma vez que a essência humana não é determinada, mas sim mutável no processo social, a condição feminina não se basearia em uma “essência natural da mulher”. Daí se justifica a célebre frase: “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”.¹⁶

Outra questão interessante na trajetória de “Madame Beauvoir” é sua tardia identificação como feminista em 1972. Nesta época Beauvoir já era reconhecida como escritora de peças de teatro, ensaios e crônicas, além de intelectual da esquerda francesa co-fundadora de *Les Temps Modernes*, revista fundada por Sartre. Muito tempo tinha se passado desde as suas primeiras publicações, durante os anos de 1940, quando a autora percebeu-se enquanto feminista. Deixo então nas palavras da própria Simone de Beauvoir, dadas em entrevista a Alice Schuwarzer, a explicação desta tardia identificação:

“No final de O Segundo Sexo, eu disse que não era feminista porque pensava que a solução dos problemas femininos devia ser encontrada numa evolução socialista da sociedade. Para mim, ser feminista era bater-se por reivindicações especificamente femininas, independentes da luta de classes. Hoje, conservo a mesma definição: chamo feministas as mulheres ou mesmo os homens que lutam por modificar a condição da mulher, evidentemente em ligação com a luta de classes, porém fora dela, sem subordinar inteiramente essa mudança à da sociedade. Diria, assim, que hoje sou feminista dessa maneira. Porque percebi que é preciso, antes da chegada do socialismo com o qual sonhamos, que se lute pela condição concreta da mulher. E, por outro lado, também verifiquei que, mesmo nos países socialistas, essa igualdade não foi conseguida. É preciso, portanto, que as mulheres tomem seu destino nas mãos. É por isso que estou agora participando do Movimento de Libertação da Mulher”.¹⁷

“Tornei-me de fato feminista”.¹⁸

Partindo deste breve e superficial panorama da trajetória intelectual de Simone de Beauvoir é possível responder a questão quanto à diferença no tratamento dado a “Madame Beauvoir” perante outras feministas. Por sua imagem estar intrinsecamente ligada à figura respeitada de Sartre entre os meios intelectuais franceses, ela acabou por também receber o mesmo tratamento dado a seu companheiro. Sendo interessante frisar que seus críticos eram os críticos de Sartre, bem como seus defensores eram os mesmos. Desta forma, a imagem dos dois, devido à intensa relação que tinham, era quase que indissociável; falar de um remeteria ao outro.

A outra razão para a devoção de tanto respeito mesmo por parte de seus críticos foi sua tardia identificação declarada com o feminismo. Enquanto não havia se declarado feminista, tanto seus críticos quanto seus defensores tiveram muita cautela em relação a esta identificação. Acusá-la de “feminista mal amada e lésbica”, soaria como puro ataque desrespeitoso e falso, uma vez que ela não tinha jamais se pronunciado como sendo feminista. Contudo, os ataques a ela e sua obra não foram tão sutis quanto o tratamento de “Madame”, o que se comprova através nas palavras da autora:

“Talvez tivéssemos cometido um engano publicando antes da saída do livro, o capítulo sobre a sexualidade em Les Temps Modernes. Ele desencadeou a tempestade. Foi de uma grosseria... Mauriac, por exemplo, escreveu a um amigo que, na época, trabalhava conosco em Les Temps Modernes: ‘Ah, acabo de aprender muito sobre a vagina da sua patroa...’”.¹⁹

O contexto político e intelectual em que vivia, sua relação amorosa com Sartre e suas memórias permeiam muitas de suas obras. No artigo Três facetas de uma escritora, Walnice Nogueira Galvão discute o quanto havia de nexos entre literatura e autobiografia nas obras de Simone de Beauvoir, e do quanto é difícil dissociá-las. Ficção ou realidade? Os dois.

“O percurso de Simone de Beauvoir, de tão fora do comum, arrebatou os leitores até a vertigem. O que escrevia era testemunho ou fantasia? Ao alternar o documentário e o romanesco sobre um mesmo recorte de tempo e um mesmo conjunto de eventos, dividia-se, como de hábito, entre dois livros. Um deles se oferecia como ficção e o outro como memórias: entretanto, a qual deles o leitor devia mais fé? Às vezes não era fácil comutar do pacto ficcional para o pacto autobiográfico, e vice-versa”²⁰

Esta relação percebida por Walnice Galvão, entre outras autoras e autores²¹, aponta-nos a uma outra direção: Como foram lidas suas obras no Brasil entre os anos de 1964 e 1986? Em qual sentido terá sido direcionado o olhar das leitoras e leitores brasileiros de Simone de Beauvoir? Como foi feita a apropriação destas leituras pelas pessoas que escreveram sobre Simone de Beauvoir ou sobre o feminismo? Para que fins serviram estas leituras e em quais circunstâncias estavam sendo feitas? Sendo importante ressaltar que tomamos como ponto de partida para esta pesquisa o ano de 1960, por marcar a visita de Simone de Beauvoir e Jean Paul-Sartre ao país, e 1990, quatro anos após sua morte, embora saibamos que a leitura e os estudos sobre sua vida e obras não param por aí.

Em 15 de agosto de 1960 chegava ao Brasil um dos casais mais visados da época: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre. Após visitarem China e Cuba, o casal escolheu o Brasil dentro do circuito de viagens que fizeram neste momento, indo posteriormente ao Japão, União Soviética e Egito. O período no Brasil correspondeu à viagem mais longa: de 15 de agosto a 1º de novembro de 1960, passando por Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Sobre esta viagem, especificamente, encontramos dois livros: Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara e A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960²². Ambos tratam da visita do casal ao país, embora focalizem mais particularmente a figura de Sartre. No primeiro, trata-se da tradução da conferência que Sartre pronunciou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, e o segundo se propõe a reconstituir as várias perspectivas sobre esta viagem a partir de pesquisas em periódicos brasileiros, procurando tratar das polêmicas em torno do

pensamento de Sartre e os contatos que o casal fez aqui. Sendo importante frisar que na introdução de Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara, escrita por Luiz Roberto Salinas Fortes, há apenas rápidas menções a Simone de Beauvoir.

*“Além desta fala ‘sobre a dialética’, como a ela se refere Simone de Beauvoir no relato nem sempre bem-humorado que insere a respeito em seu livro A Força das Coisas, Sartre também manteve um debate, no antigo Teatro Municipal da cidade e a convite dos estudantes, sobre diversas questões políticas então na ordem do dia”.*²³

Entretanto, consideramos relevante estarmos percebendo a visita do casal ao país partindo de Simone como foco das atenções. Afinal, neste momento, Beauvoir já era reconhecida no circuito intelectual, pois havia publicado entre ensaios e peças teatrais as seguintes obras na França: A convidada (1943), O sangue dos outros (1945), Todos os homens são mortais (1946), Moral da ambigüidade (1947), O Segundo Sexo (1949), Deve-se queimar Sade? (1952), Os mandarins (1954), A longa marcha (1957), e Memórias de uma moça bem-comportada (1958).

Para investigar como estas e outras obras posteriormente publicadas repercutiram no Brasil no período de 1960 a 1986, como é o caso de A força da Idade I (1960), A força da Idade II (1963), Uma morte muito suave (1964), As belas imagens (1966), A mulher desiludida seguida de Monólogo e A idade da discricão (todas de 1968), A velhice (1970), Balanço Final (1972), Quando o espiritual domina (1980) e A cerimônia do Adeus (1981), é de crucial importância estarmos percebendo o contexto político no qual se encontrava o país²⁴.

Enquanto a Europa e os Estados Unidos viviam não apenas um momento de crise política, mas também cultural, como prova a revolução sexual, “o cenário do Brasil era completamente outro”, como afirma Céli Regina Jardim Pinto:

*“(...) o de uma década que desde o começo foi política por excelência, com dois campos ideológicos claros se enfrentando violentamente”.*²⁵

O Brasil vivia o período de ditadura militar e, excluídas de sua livre expressão, e conseqüentemente sem o poder de manifestar-se, a população sofreu as pressões exercidas pelo regime de perseguições, prisões, torturas, desaparecimentos, e censura iniciado em 1964. Em dezembro de 1968, o Ato Institucional n.º 5 (AI-5) foi decretado limitando ainda mais as atuações não apenas políticas como também culturais da sociedade.

Em outros países, em que a cidadania era respeitada, as manifestações puderam acontecer nas ruas, como foi o caso da França, na Alemanha, Itália, Estados Unidos e Inglaterra. Essas manifestações correspondiam à luta pelo direito ao uso dos contraceptivos, ao direito ao aborto, entre outras questões²⁶. Em contrapartida, no Brasil, mulheres e homens que participavam não só dos movimentos feministas, como de outros movimentos sociais, foram impedidos pelo regime militar de se manifestarem publicamente sob risco de serem identificados como “comunistas”.

Contudo, as forças militares, apoiadas na censura, nem sempre conseguiram impedir o que acontecia debaixo de seus olhos. Algumas editoras conseguiram trazer para o Brasil obras de referência feminista que estavam sendo publicadas na Europa e Estados Unidos. Entre estas O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, traduzida e publicada no Brasil em 1962, a qual, portanto, já circulava antes da instalação da ditadura militar. Suely Gomes Costa, professora da Universidade Federal Fluminense, em entrevista concedida a Prof^a Joana Maria Pedro, afirma que tomou conhecimento da obra O Segundo Sexo em português em 1962 por conselho de um professor.

*“(...) tinha um professor extremamente inovador na época muito jovem, psiquiatra, Álvaro Aciole. E um dia o Álvaro vem com um livro da Simone de Beauvoir e diz ‘leiam esse livro, aqui a de ser uma escola feminina. Vocês precisam conhecer alguma coisa sobre a condição feminina, O Segundo Sexo’. Então eu tenho a primeira edição do Segundo Sexo”.*²⁷

Em uma reportagem da revista VEJA de 15 de junho de 1977, que trata dos livros proibidos em território nacional pela censura, percebe-se o tratamento dado às obras estrangeiras que estavam entrando no país neste momento.

*“Vai ser preciso criar uma comissão de sábios nos correios’, comentava desolado e irônico o historiador e professor mineiro Francisco Iglesias, a propósito das sombrias figuras que serão obrigadas a ler, por força da Portaria n.º 427, publicações estrangeiras importadas”.*²⁸

A reportagem continua por explicar o método mais fácil utilizado pelos censores: ficar atento aos títulos. Títulos com as palavras “marxismo”, “luta” e “sexo”, por exemplo, estariam automaticamente vetados. Isso responde, de certa forma, a dificuldade em encontrarmos a divulgação e a data de publicação das obras de Simone de Beauvoir durante o período ditatorial, mas isso não quer dizer que não tenham sido lidas antes deste período. Questionada em uma conferência em comemoração aos cinquenta anos

de O Segundo Sexo de quando seria a primeira publicação da obra no Brasil, Heleieth Saffiot respondeu:

*“De quando é a primeira edição? Eu não sei, não sei, eu tenho uma que não é a primeira, eu não sei quando saiu a primeira. Agora vamos admitir que só haja saído 10 anos depois, ainda assim lavramos um tento enorme, porque a União Soviética impediu que ele fosse traduzido. Olha, em Cuba, eu nunca vi esse livro, nunca vi; (...)”*²⁹

É bem provável que outras obras de Simone de Beauvoir, talvez de títulos bem “menos sugestivos”, tenham conseguido entrar no país durante o regime militar. Quem pode, inicialmente, sinalizar a leitura destas obras são as pessoas ligadas ao movimento feminista que reapareceu no Brasil em 1975, com a circulação dos primeiros jornais feministas e com a organização de encontros. Algumas destas pessoas passaram pelo exílio em países como Chile, Estados Unidos e em alguns países da Europa, e com a anistia em 1979, retornaram trazendo novas experiências, leituras e discussões, arregimentando o movimento feminista brasileiro. Outras não chegaram a ser exiladas, mas mantiveram contatos com exiladas(os) por correspondência, como é o caso das organizadoras do jornal Nós Mulheres e Brasil Mulher, que tiveram contatos com o Círculo de Mulheres Brasileiras de Paris³⁰.

Desta forma, muitas autoras brasileiras consideradas feministas tiveram contato com obras feministas estrangeiras, e entre estas O Segundo Sexo, sendo isto constatado através das referências bibliográficas citadas em seus livros e da utilização de conceitos nem sempre devidamente referenciados. Rose Marie Muraro foi uma destas autoras. Em seu livro Libertação Sexual da Mulher, percebe-se a apropriação da obra O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir quanto ao tratamento dado a questão biológica que envolve a condição da mulher, embora a autora brasileira não faça referência direta à autora francesa.

*“Uma vez assim entendida a posição da mulher dentro das estruturas sociais, resta-nos estudar o seu papel dentro da nova cultura. O leitor e a leitora já poderão ter percebido que os valores da nova consciência são, antes de tudo, valores que tradicionalmente seriam chamados de femininos (elementos não intelectivos da realidade, misticismo, comunicação, etc.). Assim, a sua simples existência já nos dá resposta ao grave problema de inserção dos valores femininos no mundo tecnológico”*³¹

Danda Prado, auto-exilada em Paris em 1972, em seu livro Ser esposa: a mais antiga profissão, discorre sobre a questão dos papéis destinados à mulher na sociedade,

mostrando que também fez a leitura de O Segundo Sexo ao abordar a submissão a que a mulher foi condicionada.

“Foi só partir da obra de Simone de Beauvoir, O Segundo Sexo, que as mulheres começaram a ser encaradas como indivíduos e/ou produtos de um desígnio social que as condiciona, deformando-as:

‘A mulher não nasce mulher, ela se torna mulher’, diz ela.”³²

Partindo desta análise, poderia ainda citar Branca Moreira Alves e Marta Suplicy. Em seu livro Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil³³, ao fazer uma análise das propostas do feminismo atual, Branca Moreira Alves resume rapidamente as questões levantadas por Simone de Beauvoir no O Segundo Sexo, dizendo que esta “extrapola as limitações de uma explicação unicamente econômica”. Já em A Condição da Mulher: amor-paixão-sexualidade³⁴, Marta Suplicy utiliza a questão da mulher enquanto o *outro*, levantada por Simone de Beauvoir, para discorrer sobre a condição de submissão da mulher ao homem.

“Na primeira fase está a mulher que é extensão do outro, que ainda não tem existência própria.”³⁵

Entre outras pessoas que tiveram como leitura obras de Simone de Beauvoir neste período, poderia citar ainda, Carmem da Silva³⁶, Jaqueline Pitanguy³⁷, Maria Risolette Fernandes³⁸, Lourdes Bandeira³⁹, e Sandra Azerêdo⁴⁰. As obras mais citadas são Memórias de uma moça bem comportada e O Segundo Sexo, embora se tenha conhecimento de outras obras publicadas neste período no Brasil, como é o caso de Na força da Idade⁴¹, Todos os homens são mortais⁴², Os mandarins⁴³, Uma morte muito suave⁴⁴, A cerimônia do Adeus⁴⁵, A longa marcha⁴⁶, Balanço Final⁴⁷, Sob o Signo da História⁴⁸ e O sangue dos outros⁴⁹.

Muitas das pessoas que escreveram sobre Simone de Beauvoir e suas obras relacionaram-na ao movimento feminista. A importância de “Madame Beauvoir” para o feminismo é incontestável. Nas palavras de Mariza Corrêa e Maria Lygia Quartim de Moraes:

“Cada uma de nós, a sua maneira, se relacionava com Simone e com seus escritos de uma maneira peculiar, mas para todas nós ela tinha sido uma marca, uma influência, ainda que indireta.”⁵⁰

“Simone de Beauvoir foi uma das intelectuais que mais contribuíram para o movimento feminista dos anos 70 e, nesta

*medida, para as profundas transformações na condição da mulher, que marcaram nosso século”.*⁵¹

Heleieth Saffiot chama atenção para a emergência de uma pesquisa que procure perceber como foi a repercussão das obras de Simone de Beauvoir no Brasil, visto a importância da autora francesa para a formação do movimento feminista brasileiro.

*“Agora, o que me parece importante é a repercussão desse livro fora da sociedade francesa, em outros países como o Brasil. Você vê a minha geração (...), todas passamos por esse livro, então ele foi um marco, sem dúvida nenhum, abriu muitas cabeças de quem o leu, ele foi muito importante. É um marco histórico, continua sendo e esse reconhecimento, as reverências foram feitas ainda que se fizessem críticas – sempre se faziam reverências porque ela continua sendo uma referência e também há que se atentar para sua precocidade. Naquele momento, o livro foi fundamental e continuou sendo por muito tempo”.*⁵²

Desta forma, este trabalho traz os resultados de uma primeira pesquisa a respeito da repercussão das obras de Simone de Beauvoir no Brasil, comprovada através de estudos e leituras realizadas no Brasil entre as décadas de 1960 e 1990. Observamos que os estudos referentes à Simone de Beauvoir, e mesmo suas obras, eram momentaneamente retomados à discussão, seja nas edições comemorativas a respeito de O Segundo Sexo ou citados em obras de autoras(es) identificadas(os) com o feminismo.

¹ Mestranda em História Cultural - Universidade Federal de Santa Catarina.

²

³ As feministas e as mulheres. VEJA, São Paulo: Editora Abril. N. 355, p. 65, 25 de junho de 1975.

⁴ Idem, p. 64.

⁵ FERREIRA, Verônica Clemente. Entre Emancipadas e Quimeras – Imagens do Feminismo no Brasil. In: CADERNOS AEL/ Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. n. 3/4 (1995/1996). Campinas, SP: AEL, p. 181, 1995/1996. Semestral.

⁶ FRIEDAN, Betty. A Mística Feminina. Petrópolis: Vozes, 1971.

-
- ⁷ FREITAS, Ronald de. Guerra às panelas: o trabalho caseiro, símbolo da opressão que ainda não chegou ao Brasil. VEJA, São Paulo: Editora Abril, p. 03, 21 de abril de 1971.
- ⁸ CHAPERON, Sylvie. Auê sobre *O Segundo Sexo*. In: Cadernos Pagu, Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, p. 37-53, 1999.
- ⁹ Idem, p. 45.
- ¹⁰ BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Vol.1. 4ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- ¹¹ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Simone de Beauvoir e o amor americano (Um tributo a Simone de Beauvoir). In: Cadernos Pagu, Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, p. 93-101, 1999.
- ¹² SAFFIOTI, Heleieth I. B. Primórdios do conceito de gênero. In: Cadernos Pagu, Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, p. 157, 1999.
- ¹³ CHAPERON, Sylvie. Auê sobre *O Segundo Sexo*. Op. Cit., p, 49.
- ¹⁴ CHAPERON, Sylvie. Auê sobre *O Segundo Sexo*. Op. Cit., p, 38.
- ¹⁵ PASSOS, Elizete. O Existencialismo e a condição Feminina. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM:FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000, p. 42.
- ¹⁶ BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Vol 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 09.
- ¹⁷ SCHWARZER, Alice. Simone de Beauvoir hoje. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 30-31.
- ¹⁸ Idem, p.40.
- ¹⁹ Idem, p. 70.
- ²⁰ GALVÃO, Walnice Nogueira. Três facetas de uma escritora. In: Cadernos Pagu, Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, p. 66, 1999.
- ²¹ Ver, a este respeito, CADERNOS PAGU, Campinas, SP. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, n. 12, 1999, e MOTTA, Alda B. da; SANDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000.
- ²² ROMANO, Luiz Antonio Contatori. A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- ²³ SARTRE, Jean-Paul. Sartre no Brasil: a conferência em Araraquara. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1986, p. 12.
- ²⁴ As datas são referentes ao ano em que as obras foram publicadas na França, sendo extraídas da biografia de Simone de Beauvoir. Ver, a este respeito, FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernand. Simone de Beauvoir. Tradução de Oswaldo Barreto. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- ²⁵ PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 42.
- ²⁶ Ver, a este respeito, PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Mulheres: igualdade e especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Orgs.). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2003, p. 265-309.
- ²⁷ Entrevista concedida à professora Joana Maria Pedro em 17 de fevereiro de 2004, em Florianópolis/SC.
- ²⁸ VEJA, n.458. São Paulo: Editora Abril, p. 120, 15 de junho de 1977.
- ²⁹ SAFFIOTI, Heleieth. O Segundo Sexo à luz das Teorias Feministas Contemporâneas. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM:FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000, p. 37.
- ³⁰ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. Cit., p. 52-66.
- ³¹ MURARO, Rose Marie. Libertação Sexual da Mulher. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1971, p. 138.
- ³² PRADO, Danda. Ser esposa: a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 16.
- ³³ ALVES, Branca Moreira. Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 185-186.
- ³⁴ SUPLICY, Marta. A Condição da Mulher: amor – paixão – sexualidade. Artigos. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

³⁵ *Idem*, p. 27.

³⁶ CIVITA, Laura Tves (Org.). O Melho de Carmen da Silva. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

³⁷ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. O que é feminismo. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1991.

³⁸ Em entrevista concedida à professora Joana Maria Pedro, em 28 de novembro de 2003, Maria Risolette Fernandes afirma ter lido o livro O Segundo Sexo, A convidada, entre outros, no início da década de 80.

³⁹ Entrevista concedida à professora Joana Maria Pedro, em 28 de novembro de 2003, afirma ter lido Memórias de uma moça bem comportada.

⁴⁰ Em entrevista concedida à professora Joana Maria Pedro, em 28 de novembro de 2003, Sandra Azerêdo afirma ter lido na década de 60 Memória de uma moça bem comportada e O Segundo Sexo.

⁴¹ BEAUVOIR, Simone. Na força da idade II. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

⁴² BEAUVOIR, Simone de. Todos os homens são mortais. Tradução de Sérgio Milliet. 3ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

⁴³ BEAUVOIR, Simone de. Os mandarins. Tradução de Hélio de Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

⁴⁴ BEAUVOIR, Simone de. Uma morte muito suave. Tradução de Álvaro Cabral. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

⁴⁵ BEAUVOIR, Simone de. A cerimônia do adeus: seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre, agosto-setembro 1974. Tradução de Rita Braga. 5ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

⁴⁶ BEAUVOIR, Simone de. A longa marcha. Tradução de Alcântara Silveira. Série: Biblioteca temas modernos. São Paulo: IBRASA, 1963.

⁴⁷ BEAUVOIR, Simone de. Balanço Final. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

⁴⁸ BEAUVOIR, Simone de. Sob o Signo da História. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

⁴⁹ BEAUVOIR, Simone de. O sangue dos outros. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

⁵⁰ CORRÊA, Mariza. In: Cadernos Pagu, Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, p. 07-10, 1999.

⁵¹ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Simone de Beauvoir e o amor americano (Um tributo a Simone de Beauvoir). Op. Cit., p. 93.

⁵² HELEIETH, Saffiot. O Segundo Sexo à luz das Teorias Feministas Contemporâneas. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM:FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000, p. 35.